

# O QUE AJUDA A EQUIPE? ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA MORTE DE PACIENTES EM UTI

**Leticia Wondracek<sup>1</sup>**  
**Cleci Lourdes Schmidt Piovesan Rosanelli<sup>2</sup>**  
**Solange Maria Schmidt Piovesan<sup>3</sup>**

## RESUMO:

**Objetivo:** analisar artigos publicados em periódicos nacionais sobre o tema da morte e do morrer de pacientes vivenciado pelos profissionais de enfermagem no espaço da UTI. O período de publicação dos trabalhos é de 2000 a 2010. **Método:** estudo de revisão sistemática. A seleção dos artigos publicados foi por meio eletrônico, com publicações disponíveis na Biblioteca Virtual de Saúde Bireme, nas bases de dados Lilacs, Bdenf e Scielo. Utilizou-se os descritores: enfermagem, UTI, morte, atitude frente a morte. Selecionados sete artigos que contemplam o tema proposto. Análise dos dados seguiu os passos da análise temática. **Resultados:** Os profissionais de enfermagem ao lidar com a morte cotidianamente relatam emoções como frustração, negação, culpa, e apresentam dificuldade em elaborar o que sentem. Entre as estratégias criadas por eles para esse enfrentamento estão a negação, a criação de rotinas e o afastamento. **Conclusão:** Faz-se necessária a criação de espaços nas instituições formadoras e no ambiente hospitalar a fim de ajudar a equipe a lidar com suas emoções e evitar possível adoecimento. Sugere-se a criação de grupos de estudo, enfoque multiprofissional e interdisciplinar e outras estratégias para elaboração do sofrimento.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Unidade de Terapia Intensiva; Morte; Atitude frente a morte.

## WHAT HELPS THE TEAM? STRATEGIES FOR COPING WITH THE DEATH OF PATIENTS IN ICU

### ABSTRACT

**Goal:** To analyze articles published in national journals is about death and dying patients by experienced nurses within the ICU. The articles were published from 2000 to 2011. **Method:** systematic review study. The selection of the published articles was electronically, among the articles available at the Biblioteca Virtual de Saúde Bireme, in the databases LILACS, SCIELO and BDNF. The descriptors: nursing, ICU, death, attitude to death were used. Seven articles that address the proposed topic were selected. Data analysis followed the steps of the thematic analysis. **Results:** Nursing professionals to deal with death daily report emotions such as frustration, negation, guilt and they have difficulties in preparing what they feel. Among the strategies created by them for dealing with this problem are negation, creating routines and avoid to getting too close to the patients. **Conclusion:** It is necessary to create spaces in educational institutions and hospitals in order to help the team to deal with their emotions and to avoid possible illness. Suggest the creation of study groups, multi and interdisciplinary approach and other strategies for development of suffering.

**Keywords:** Nursing; ICU; Death; Attitude to Death.

<sup>1</sup> Graduada em enfermagem pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Ijuí/RS. E-mail: leticiaw.enf@gmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela UNIFESP. Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI, docente do DCSa. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul /UNIJUI, Ijuí/RS. E-mail: cleci.rosanelli@unijui.edu.br

<sup>3</sup> Enfermeira, Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Enfermeira da Equipe Matricial vinculada à Coordenação Municipal de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Ijuí/RS. E-mail.: solangepiovesan@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Única certeza que todos podemos ter na vida, a morte é um tema tratado como tabu na cultura ocidental. Por muitos anos ela fez parte do contexto familiar, quando o doente era tratado no domicílio e morria junto dos seus. No decorrer dos anos, com o surgimento dos hospitais fez-se um movimento de transferência da morte para o espaço hospitalar. No texto “O nascimento do hospital” o autor cita as instituições surgidas na Idade Média como “morredouros”, ou seja, locais destinados a afastar a morte dos olhos da sociedade. (FOUCAULT, 1990)

Dados do Sistema Único de Saúde brasileiro demonstram que esse movimento continua crescente, visto que no ano de 1998, 68,32% dos óbitos no Rio Grande do Sul ocorreram no hospital, e 23,16% no domicílio, e 10 anos depois, em 2008, foram 72,48% dos óbitos no hospital e somente 18,57% no domicílio. Tal situação tem colocado os profissionais de saúde em contato direto com o processo de morte e o morrer cotidianamente.

Os morredouros da Idade Média evoluíram, hoje os hospitais se tornaram um espaço dedicado a cuidar da vida, e os investimentos são crescentes em tecnologia em saúde. Essa evolução tecnológica fez surgir um novo espaço de cuidado, dedicado a pacientes críticos, a Unidade de Terapia Intensiva. A UTI tem por objetivo inicial o suporte a pacientes em situação aguda e grave de adoecimento. Porém, abriga também pessoas em cuidados paliativos, que recebem suporte para as funções vitais e acabam por morrer ali, longe de seus familiares e frequentemente suportando dores e o medo da finitude e da solidão. Em meio a esses sentimentos, muitas vezes os pacientes buscam na equipe de saúde apoio no momento da finitude. No texto “Sobre a morte e o morrer”, o autor Rubem Alves retrata esse sentimento:

[...] tenho muito medo do morrer. O morrer pode vir acompanhado de dores, humilhações, aparelhos e tubos enfiados no meu corpo, contra a minha vontade, sem que eu nada possa fazer, porque já não sou mais dono de mim mesmo; solidão, ninguém tem coragem ou palavras para, de mãos dadas comigo, falar sobre a minha morte, medo de que a passagem seja demorada. (ALVES, 2003)

O autor refere a falta de coragem ou palavras para falar sobre a morte. Tal situação faz parte do cotidiano de muitos profissionais de saúde, que preferem calar-se no momento da morte do paciente ou evitam seus questionamentos acerca de seu estado de saúde.

Apesar de ser inerente à vida, a morte ainda é vista como fracasso por grande parte dos profissionais da enfermagem. Ao deparar-se com o óbito de um paciente, os trabalhadores enfrentam a própria finitude, e os medos que dela advém. A dificuldade em lidar com tais emoções pode produzir o adoecimento individual e da equipe como um todo. Antes que os sintomas de estresse e exaustão sejam aparentes, ou até mesmo se instale a síndrome de Burnout, é necessário que cada profissional reconheça essa fragilidade em lidar com a dor dos outros e a própria e busque estratégias práticas para enfrentar sua situação e proteger-se da exaustão emocional. (SMELTZER, 2005)

A dificuldade em lidar com a morte inicia muito antes da trajetória profissional, nos bancos acadêmicos. Durante a graduação em Enfermagem pouco se fala sobre o tema morte, e quando abordado é em geral de maneira superficial ou meramente técnica.

Em estudo sobre a abordagem do processo de morte e morrer na formação acadêmica de enfermagem os autores afirmam que apesar de muitos docentes pesquisados já terem mais de 16 anos de experiência profissional em docência e atendimento hospitalar, observa-se que ainda assim apresentam dificuldade em abordar o referido tema em suas disciplinas. (BELLATO, 2007)

Grande parte dos estudos até então trata sobre o paciente em processo de morrer, seus sentimentos e como ajudá-lo a passar por esse momento com menos sofrimento. No entanto, surge o questionamento: o que ajuda a equipe de enfermagem a lidar com suas emoções e não adoecer nesse processo? Elisabeth Kübler-Ross (1989), registra em seus estudos que por vezes o enfrentamento da morte é mais difícil para o profissional que cuida do que para a pessoa que morre.

Estudos demonstram que os profissionais da enfermagem que trabalham diretamente com pacientes em processo de morrer compartilham sentimen-

tos de frustração, negação, culpa, ansiedade, e que o elevado nível de estresse entre esses trabalhadores têm causado a Síndrome de Burnout, afastando-os de suas atividades ou impondo sofrimento demasiado no cotidiano laboral. (SHIMIZU, 2007)

Tendo em vista tais aspectos, buscou-se nessa pesquisa reunir artigos que tratem da visão da equipe, como esta enfrenta o processo de morte e morrer em seu cotidiano, e que mecanismos utiliza para elaborar os sentimentos que afloram nesse processo.

Tendo em mente que a morte mobiliza a equipe e traz à tona sentimentos contraditórios como negação, culpa, alívio, frustração, e considerando que o não lidar com esses sentimentos adequadamente, ou até mesmo não elaborar um possível luto pela perda do paciente pode levar ao adoecimento é que se propõe este estudo.

Sabe-se que o adoecimento do profissional inviabiliza o cuidado, logo, é preciso focar nosso olhar naqueles que cuidam, e que têm apresentado sinais de que precisam de cuidado emocional. Assim tem-se como pergunta de pesquisa: como os profissionais de enfermagem tem vivenciado a morte e o morrer de pacientes que estão sob os seus cuidados no espaço da UTI? Desta forma este estudo tem por objetivo analisar artigos publicados em periódicos nacionais sobre o tema da morte e do morrer de pacientes vivenciado pelos profissionais de enfermagem no espaço da UTI.

## MÉTODO

O presente estudo se configura em revisão bibliográfica sistemática. (MINAYO, 2008) Aborda-se o assunto a partir de referências teóricas previamente publicadas, prosseguindo então com ordenação do material, classificação e análise final, da qual emerge a categoria de análise: Enfrentamento da morte do paciente pela equipe de enfermagem em UTI.

Foi delimitado um período de 10 anos, de 2000 a 2010, buscando artigos publicados nas bases científicas *Scientific electronic library on-line* (Scie-

lo), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Base de Dados de Enfermagem (Bdenf), em virtude da constante atualização de informações em saúde, considera-se que o intervalo de tempo delimitado abrange publicações atuais em referência ao tema proposto.

Como critérios de inclusão dos artigos considerou-se: estar disponível online; redigido em português; publicado no período de 2000 a 2010; ser redigido por profissionais da enfermagem; estar disponível nas bases de dados *Scientific electronic library on-line* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Base de Dados de Enfermagem (Bdenf); conter no mínimo um dos descritores selecionados. Os descritores: Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva, Morte, Atitude frente a Morte.

Com os descritores “Enfermagem; UTI; Morte” foram encontrados cinco artigos na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), onze artigos no SciELO e trinta e nove no Bdenf; com o descritor “Atitude frente a Morte” foram oitenta e cinco artigos no Lilacs, quinze no SciELO e dezenove no Bdenf.

A seleção de artigos foi feita de acordo com o tema proposto, sendo rejeitados os artigos que, apesar de constarem no resultado da busca, não se ajustarem ao tema proposto. Desta forma, resumos, dissertações e teses não integraram o conjunto de artigos analisados. Após leitura e classificação conforme os critérios de inclusão foram selecionados seis artigos do Lilacs e um artigo que se encontrava tanto no SciELO quanto no Bdenf, totalizando sete artigos.

Após a busca destes artigos foi realizada a análise que visa responder o objetivo do estudo. Conforme Minayo (2008), os artigos foram lidos, selecionados, organizados e categorizados. A partir da análise dos seus conteúdos, realizou-se a interpretação e, a partir de então a elaboração do texto final.

A tabela a seguir traz as principais informações acerca dos artigos, tais como título, periódico, autores, tipo de estudo, objetivo, tema, principais resultados; e posterior discussão e análise dos temas apresentados.

Título	Periódico	Autores	Tipo de estudo	Objetivo	Tema	Principais resultados
Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer em unidades de terapia intensiva	Acta Paulista de Enfermagem, 2006; 19(4): pág.546-461	Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez Maria Helena Trench Ciampone	Pesquisa qualitativa	Analisar os sentimentos dos profissionais de enfermagem em UTI frente a morte e propor intervenções que potencializem esse enfrentamento.	Sentimentos dos profissionais de enfermagem em UTI frente o processo de morte e morrer.	Os autores sinalizam a necessidade de reunir os profissionais em encontros sistemáticos para oportunizar aos mesmos a oportunidade de expor seus sentimentos e discutir o decorrer desse processo.
O enfermeiro em Unidade de Tratamento Intensivo vivenciando e enfrentando situações de morte e morrer	Scientia Médica, Porto Alegre, v.19, nº1. Pág 11-16, jan-mar 2009	Merteli Sulzbacher Anelise Vieira Reck Eniva Miladi Fernandes Stumm Leila Mariza Hildebrandt	Pesquisa qualitativa e descritiva	Avaliar percepções dos enfermeiros que atuam em UTI sobre a morte de pacientes e as estratégias de enfrentamento por eles utilizadas.	Estratégias de enfrentamento dos enfermeiros da UTI frente ao processo de morte e morrer.	Socializa os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros e busca facilitar as intervenções junto aos familiares de minimizar o sofrimento e qualificar a assistência.
Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer	Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre. 2009, jun 30(2): pág 289-296	Patrícia Gisele Sanches Maria Dalva de Barros Carvalho	Pesquisa qualitativa fenomenológica	Compreender como os enfermeiros vivenciam o processo de morte e morrer dos pacientes.	Vivências dos enfermeiros da UTI no processo de morte e morrer dos pacientes.	Os autores concluem que os profissionais precisam compreender a morte e morrer com parte integrante de sua prática, não um desafio a ser superado.
Estudo fenomenológico sobre a vivência da morte em uma unidade de terapia intensiva neonatal	Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília 2010. Set-out; 63(5): pág 770-774	Laureana Cartaxo Salgado Pereira Silva Cecília Nogueira Valença Raimunda Medeiros Germano	Pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica	Descrever a vivência dos profissionais de enfermagem em UTI e compreender seus sentimentos diante da morte do recém-nascido.	Sentimentos vivenciados pelos enfermeiros da UTI neonatal diante da morte do RN.	Conclui-se que tal vivência aflora sentimentos para os profissionais. Os autores ressaltam que a vivência cotidiana dos profissionais não é suficiente para preparar a morte de um recém-nascido.
Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer	Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília 2007. Maio-jun; 60(3) pág 257-262	Helena Eri Schimizu	Pesquisa qualitativa	Analisar as representações e sentimentos dos profissionais de enfermagem frente a morte de pacientes e os mecanismos de defesa e estratégias de enfrentamento destes.	Sentimentos dos profissionais de enfermagem frente a morte de pacientes e suas estratégias de enfrentamento.	Foram identificados os mecanismos de defesa e os mecanismos de enfrentamento, como a negação, a racionalização, as rotinas e afastamento da situação. Sugere-se a criação de espaços para os trabalhadores falarem de suas experiências e de elaborar esses sentimentos.
A questão da morte e os profissionais de enfermagem	Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro, 2010, jul-set; 18(3): pág 484-487	Janaina Luiza dos Santos Sônia Maria Villela Bueno	Revisão bibliográfica	Verificar como a morte e o morrer se apresentam para os profissionais de enfermagem	Perceber como os profissionais de enfermagem enfrentam a morte e o morrer no seu cotidiano	As autoras destacam a necessidade de formação dos docentes e iniciais em escolas e instituições hospitalares a fim de preparar os alunos e os profissionais para o meio da educação.
A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro	Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, 2008. Jun 29(2): pág 191-198	Wilker Invenção Azevedo de Oliveira Rita da Cruz Amorim	Pesquisa qualitativa	Conhecer o preparo de acadêmicos do último semestre da graduação em enfermagem para enfrentar a morte e o morrer dos pacientes	Preparo de acadêmicos de enfermagem para enfrentamento da morte dos pacientes	Os autores identificam a necessidade de formação não apenas técnica, mas também as necessidades dos alunos. Apontam para a importância de uma disciplina específica para tratar o tema na graduação, além de também sua abordagem multidisciplinar.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista o período delimitado na pesquisa, de 10 anos, observa-se que todos os artigos selecionados são datados de anos posteriores a 2006, o que demonstra que, apesar de o tema morte já ser alvo de estudos há décadas, o interesse por apreender os sentimentos da equipe de enfermagem ao lidar com ela é recente. Do total de sete artigos, um (14,28%) é do ano de 2006, um de 2007, um de 2008, dois (28,57%) de 2009 e dois de 2010.

### *Enfrentamento da morte do paciente pela equipe de enfermagem em UTI*

Ao analisar os artigos selecionados pode-se afirmar que trazem inicialmente uma reflexão sobre o conceito de morte e morrer ao longo de diferentes períodos históricos e culturas, e tratam da morte do ponto de vista da equipe de enfermagem, colocando em pauta as emoções vivenciadas por esses profissionais e a necessidade de preparo para lidar com elas.

O processo de morte e o morrer não são um tema novo na sociedade, pelo contrário, estão presentes desde o princípio da existência humana, entretanto o impacto social desse acontecimento se modifica através dos tempos e nas diferentes culturas.

Em estudo sobre a ritualização da morte os autores afirmam que antigamente o temor e angústia provocados pela morte eram canalizados pelos ritos familiares e sociais, tendo em vista que o doente morria em casa junto dos parentes e era velado muitas vezes no mesmo local. Tal situação não condiz com a morte no contexto hospitalar, pois ali o contato termina no momento em que se encaminha o corpo para os familiares, e a equipe não tem a possibilidade de vivenciar as despedidas, o que, segundo os autores torna a morte inexprimível e provoca o afastamento por parte dos profissionais. (BELLATO,2005)

Nesse sentido, os artigos analisados versam sobre os sentimentos vivenciados pelos profissionais perante a morte do paciente, e muitas vezes reprimidos pelo ambiente e pela cultura atual que vê a morte não como parte da vida, mas como um inimigo a ser combatido, um inconveniente. (OLIVEIRA,2008; SIQUEIRA,2005)

Estudo utilizando a teoria das representações sociais relata existência da imagem de um profissional de enfermagem frio perante a morte, entretanto, os sentimentos relatados pelas equipes estudadas, ao encarar a morte dos pacientes aos seus cuidados, variam desde frustração, raiva, negação, tristeza, culpa, até alívio, esse expresso quando a doença provoca demasiada dor no paciente e a morte vem cessar seu sofrimento. O sentimento de culpa aparece principalmente quando há morte de pacientes jovens, ou que do ponto de vista do profissional poderiam ter possibilidade de cura. Nessa situação o trabalhador busca em sua atuação possíveis falhas que tenham provocado a morte ou piora da condição terapêutica do sujeito aos seus cuidados. (SHIMIZU,2007; OLIVEIRA, 2008; SILVA ,2010; SULZBACHER,2009; SANCHES ,2009)

Outra situação que desperta nos profissionais o sentimento de culpa são os questionamentos dos familiares sobre o doente. Por não poder responder às questões, ou não ter autonomia nas decisões os profissionais de enfermagem muitas vezes fogem desse confronto. (OLIVEIRA,2008)

A frustração, um dos primeiros sentimentos citados implica diversos fatores, muitos deles atrelados à formação acadêmica, que é voltada para a cura, para salvar o paciente, e não aceita a morte como parte do processo. Fala-se muito aos profissionais em formação sobre salvar vidas, e o não salvar frustra, no entanto usar o termo **cuidar**<sup>4</sup> de vidas abre a possibilidade de encarar a perda e ainda assim saber que cumprimos aquilo que nos é proposto como profissionais e como seres humanos. (OLIVEIRA,2008; SANTOS,2010)

<sup>4</sup> Grifo da autora do artigo em questão.

Encarar a morte do outro é deparar-se com a finitude humana. A morte de um paciente remete o profissional à própria existência e à de sua família. A partir daí surgem diferentes emoções, dentre elas, o medo de perder alguém querido, sentimento este que algumas vezes paralisa, como relatado por uma trabalhadora que afirma não conseguir ir para o segundo emprego à tarde quando “perde” um paciente pela manhã, o que lhe traz a necessidade de estar junto da filha por medo de perdê-la também. (SHIMIZU,2007)

O ser humano profissional de enfermagem também sofre quando se depara com a morte do paciente, porém não vê abertura para expressar suas emoções. Por não haver um espaço formal para colocar o que sente, a equipe acaba por reprimir sentimentos, e o luto ou a dor não elaborada tende a provocar o adoecimento desses cuidadores.

A negação, o alívio, a culpa, a frustração presentes nos relatos dos profissionais demonstram que seu cotidiano impõe uma carga emocional pesada e que, embora possam ter optado pela enfermagem como ciência que cuida da vida, a morte se coloca como presença constante e traz consigo sentimentos difíceis de lidar.

Sem um espaço formal para expressar o que sentem, ou para elaboração de um possível luto pela morte do paciente, os trabalhadores acabam por criar as próprias estratégias de enfrentamento da morte, sem as quais pode surgir o adoecimento, expresso por queixas somáticas como distúrbios do sono, fadiga, auto-reprovação, depressão, lentidão do pensamento e da concentração, palpitações, podendo culminar com a instalação da *Síndrome de Burnout*. (SILVA, 2010; COSTA,2005)

Na inexistência de um local destinado à discussão dos casos clínicos e do que o processo de morrer e a morte de um paciente despertam nos profissionais, é comum que os comentários sobre o assunto sejam feitos no vestiário, no momento das trocas de turno, espaço esse inadequado para essa abordagem. (SHIMIZU,2007)

Outra atitude que também pode ser percebida na equipe de enfermagem da UTI é o distanciamento. Os profissionais referem que o vínculo com

o paciente acentua o sofrimento do cuidador, e como mecanismo de defesa este se afasta, não só no momento da morte em si, mas no processo de morrer, evitando passar próximo do doente para não ser chamado a ajudá-lo no momento da dor. Tal postura afeta a qualidade do cuidado prestado e se mostra negativa para profissionais e pacientes. (SHIMIZU,2007; GUTIERREZ, 2006)

A criação de rotinas faz parte do trabalho da enfermagem, entretanto, quando se fala de morte elas não contribuem para a elaboração do sofrimento, apesar de serem defesas citadas nos artigos analisados. O preparo do corpo após a morte faz parte dessa rotina, e nesse momento se percebe as mais variadas reações, desde a postura sombria, a negação da morte expressa pela risada presente em um momento de seriedade até a fuga da atividade. (SHIMIZU,2007; OLIVEIRA,2008; SANTOS ,2010; SULZBACHER , 2009)

Os depoimentos das equipes em questão mostram uma tentativa de separar o cotidiano no ambiente de trabalho do ambiente familiar. Não falar sobre as vivências da UTI, chegar em casa e assistir um filme de comédia após lidar com a morte de um paciente no hospital são formas de racionalização expressas pelos profissionais. Nesse sentido, há aqueles que julgam fazer uma boa separação, não abordando o assunto em casa e outros que relatam chegar em casa estressados e que essa postura interfere em seu relacionamento familiar. (SHIMIZU,2007)

Uma das expressões mais comuns de sofrimento é o choro; segundo os profissionais entrevistados nas pesquisas chorar — compartilhar da dor do outro — ameniza a própria dor. (GUTIERREZ,2006) Apesar disso, estudo sobre a abordagem acadêmica da morte afirma que os alunos são ensinados a reprimir os sentimentos, atitude expressa em falas como “*não chore, você não pode chorar nem demonstrar seus sentimentos na frente do paciente*” (BRÊTAS,2006)

Em contraponto com a expressão de choro aparece o sentimento de negação, que pode ser percebido na atitude de profissionais que se preocupam com órgãos, aparelhos, parâmetros vitais, e não com o paciente moribundo e suas angústias. Trabalhado-

res questionados sobre o prognóstico dos doentes podem demonstrar a negação ao afirmar que estes estão se recuperando, apesar de ter ciência da proximidade da morte de alguns. (SHIMIZU,2007; OLIVEIRA,2008)

A não aceitação da morte de um paciente pode ser vista de forma concreta na obstinação terapêutica, ou seja, tentativas da equipe ou de um profissional de prolongar a vida do paciente com medidas de suporte mesmo quando este deixa transparecer que prefere não lutar mais pela vida nas condições que se encontra ou não apresenta sinais de recuperação apesar dos esforços da equipe. (SANCHES,2009)

Salienta-se que a forma como cada indivíduo entende a morte, e sua crença sobre ela têm grande influência na forma de enfrentá-la. Nesse aspecto a religião aparece como importante auxílio a fim de lidar melhor com a morte e amenizar o sofrimento provocado por ela. Grande parte dos sujeitos estudados elencou a busca de consolo na religião como um dos fatores mais importantes na elaboração de suas dores. A crença em Deus fortalece a idéia de que a morte é parte da vida, e não fracasso de quem cuida do doente ou um inimigo a ser vencido a qualquer custo, logo, o profissional que crê em Deus apresenta melhores condições de aceitar a morte de um paciente aos seus cuidados sem culpar-se pelo fato. (SULZBACHER ,2009; BRÉTAS ,2006)

Os mecanismos de defesa utilizados pela equipe de enfermagem perante o processo de morrer e a morte dos pacientes são os mais diversos, além dos citados neste artigo, entretanto, a possibilidade de adoecimento dos profissionais permanece presente, portanto considera-se que é preciso buscar novas estratégias a partir das instituições formadoras e das que empregam estes cuidadores a fim de dar-lhes suporte emocional para melhor lidar com a morte sem prejuízo da própria saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou na literatura artigos sobre o processo de morte e morrer e seu enfrentamento pela equipe de enfermagem. Após leitura dos arti-

gos selecionou-se 7 que enquadraram-se nos critérios de inclusão, todos datados de anos posteriores a 2006. Do total de artigos, seis se tratam de pesquisas qualitativas e um é revisão bibliográfica, todos escritos por profissionais de enfermagem, publicados em periódicos de quatro estados brasileiros.

Com a análise dos artigos foi possível visualizar aspectos que envolvem a vivência do cuidado a pessoas em processo de morrer e morte pela equipe de enfermagem que trabalha em UTI. A morte de um paciente gera sofrimento nos cuidadores, e, estes expressam tais sentimentos pelo choro, frustração, negação, culpa, alívio, e muitos profissionais não sabem como canalizar essas emoções a fim de elaborar sua dor.

A partir do que sente, a equipe encontra suas estratégias de enfrentamento, como a criação de rotinas, a racionalização, a crença em Deus, no entanto ainda assim a dificuldade permanece e com ela a possibilidade de adoecimento do cuidador.

O profissional de enfermagem em geral apresenta a característica de ser bom cuidador para o outro, muitas vezes em detrimento do autocuidado, o que sugere a necessidade de aprender a se deixar cuidar também. O cuidar do profissional é atribuição das instituições formadoras, incumbidas de preparar os acadêmicos para enfrentar não só a vida, mas a morte dos sujeitos; e aos hospitais que empregam esses trabalhadores cabe o compromisso de dar-lhes suporte emocional e prezar pela sua qualidade de vida, além da qualidade de atendimento ao cliente.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Rubem. Sobre a morte e o morrer. Texto publicado no jornal “**Folha de São Paulo**”, Caderno “Sinapse” do dia 12-10-03. fl 3. Disponível em: [http://www.releituras.com/rubemalves\\_morte.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_morte.asp) Acesso em: 16.05.11

BELLATO, Roseny et al. Abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. **Acta Paulista Enfermagem**. 2007; 20(3):255-63.

BELLATO Rosenev, CARVALHO Emília de Carvalho. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino Americana de Enfermagem** 2005. Jan/fev; 13 (1): 99-104

**BRASIL 2011 Ministério da Saúde.** Mortalidade no RS segundo local de ocorrência: Acesso em 25/05/11

Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10rs.def>>

BRÊTAS José Roberto da Silva; OLIVEIRA José Rodrigo; YAMAGUTI Lie; Reflexões de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** 2006; 40 (4): 477-483.

COSTA, Juliana Cardeal; LIMA, Regina Aparecida Garcia; Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, 2005. março-abril; 13(2): 151-157.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. Cap. VI (O nascimento do hospital)

GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello; CIAMPONE, Maria Helena Trench; O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** 2007; 41(4): 660-667

GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello; CIAMPONE, Maria Helena Trench; Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer em unidades de terapia intensiva. **Acta Paulista Enfermagem**, 206; 19(4): 456-461.

KÜBLER-ROSS E; **Sobre a morte e o morrer**. 3ª Ed. Martins Fontes São Paulo. 1989

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org) 2008. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. 27ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis – RJ

OLIVEIRA, Wilker Invenção Azevedo; AMORIM, Rita da Cruz; A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre (RS) 2008 jun; 29(2): 191-198.

SANCHES Patrícia Gisele; CARVALHO Maria Dalva Barros; Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e ao morrer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre (RS) 2009 jun; 30(2), 289-296.

SANTOS, Janaína Luiza; BUENO, Sonia Maria Villela; A questão da morte e os profissionais de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, 2010. Jul/set; 18(3): 484-487.

SHIMIZU, Helena Eri; Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, maio-jun 2007; 60 (3).

SILVA, Laureana Cartaxo Salgado Pereira; VALENÇA, Cecília Nogueira; GERMANO, Raimunda Medeiros; Estudo fenomenológico sobre vivência da morte em uma unidade de terapia intensiva neonatal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília 2010, set/out; 63(5): 770-774.

SIQUEIRA, José Eduardo. Reflexões éticas sobre o cuidar na terminalidade da vida. **Bioética** 2005. Vol 13. nº 2.

SMELTZER, Suzane C.; BARE, Brenda G. Brunner & Suddarth, **Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica**. 10ª Edição. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005 volume 1. Pág. 418.

SULZBACHER, Mertieli et al. O enfermeiro em Unidade de Tratamento Intensivo vivenciando e enfrentando situações de morte e morrer. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v.19, n.1, p. 11-16, jan/mar 2009.